



Uma acadêmica do berço da civilização americana

RÊGO, Ana Regina. *Jornalismo, cultura e poder*. Teresina: Edufpi, 2007.

O livro *Jornalismo, cultura e poder* é interessante. Por meio dele, temos a oportunidade de conhecer a produção acadêmica dos últimos cinco anos da professora Ana Regina Rêgo, atualmente integrante do corpo docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI), instituição, aliás, pela qual se graduou em Jornalismo.

Antes de tudo, é salutar a referência à origem dos textos, publicada à página 347. Fica evidente a intenção da autora de reunir num compêndio o que considera o melhor de sua obra, numa saudável antologia acadêmica. Esse adendo permite notar que entre os onze textos há quatro produções inéditas. Em outras palavras, a autora teve o cuidado de oferecer quase 40% de material inédito ao seu leitor.

Entre as novidades, há o artigo “A morte da Princesa Diana nos jornais: *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*”, análise do discurso sobre a cobertura realizada pelos diários em 1997 (já faz onze anos que a princesa da mídia faleceu, vítima de um acidente automobilístico!), que talvez seja o primeiro a chamar a atenção de alguns leitores, em especial de jovens graduandos.

Editada de forma inteligente, os capítulos herdam do formato *paper* o resumo, facilitando a localização rápida de material de interesse. A boa organização não se resume a este item. A divisão em quatro grandes blocos agrega facilidade à consulta dos itens desejados. São eles: 1) O jornalismo e a mídia; 2) O mito e o poder do

mito; 3) Cultura e história; e 4) Comunicação e marketing. O primeiro bloco concentra o maior número de capítulos, cinco no total. Os três blocos seguintes têm dois capítulos cada.

Essa diversidade poderia indicar uma autora aberta para a complexidade do mundo contemporâneo, em suas múltiplas tramas. Poderia também sugerir uma pesquisadora em busca de seu verdadeiro amor acadêmico, isto é, sua linha de pesquisa, área na qual melhor possa contribuir com o avanço do conhecimento em Comunicação Social. De forma concreta, a seleção decerto aponta os caminhos pelos quais a profissional singrou recentemente.

O quarto bloco, por exemplo, reflete sua pesquisa de doutorado, *O papel do marketing cultural na comunicação organizacional*, feita na Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do professor Wilson da Costa Bueno. Aponta, igualmente, sua atuação, até 2006, como gerente regional de Marketing e Comunicação da Caixa Econômica Federal, em artigo escrito em parceria com a professora Maria das Graças Targino.

Nesse contexto, o terceiro bloco, “Cultura e história”, sinaliza sua passagem pelo mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde, sob orientação do professor Francisco Antonio Dória, produziu a dissertação *Imprensa e política no Piauí do século XIX*. Pesquisas, aliás, que demonstram coerência com as disciplinas que ministra na UFPI, como Comunicação Empresarial e História da Imprensa, entre outras.

Há pelo menos dois indícios de que a autora está num ponto muito promissor de sua carreira. Um deles é mostrado por uma das pesquisas mais recentes, apresentada em 2006, “Cadernos de Teresina: veículo de difusão da cultura piauiense”, em que, segundo o resumo, “analisa a relevância da revista *Cadernos de Teresina* na difusão, no fomento, no debate e no aprofundamento das questões relativas às manifestações culturais piauienses, nas duas últimas décadas. O foco da investigação centra-se no processo de divulgação da cultura, com vistas a incentivar o afloramento de uma identidade, a partir do mapeamento da diversidade cultural realizada pela publicação em pauta”. Na conclusão desse capítulo, a pesquisadora aponta a preocupação da revista, segundo ela de tiragem limitada e distribuição que privilegia os formadores de

opinião e a classe artística local, em registrar a história, as manifestações culturais e, assim, reforçar positivamente a identidade do piauiense – que não é das maiores.

O segundo indício do alvo bem mirado é o texto inédito “Oligarquia: o mito e o medo do Piauí”, em que a autora, ainda segundo seu resumo, analisa a construção do mito no contexto oligárquico do seu estado natal, “elemento explorado intensamente nas eleições estaduais, ocorridas nos anos de 1998 e 2002”. Para essa reconstrução, ela recorre ao pensador francês Roland Barthes. Econômica em suas referências teóricas, nas quais se aprofunda bastante, talvez a autora pudesse ter mergulhado mais fundo nessa questão mítica, no sentido de que Barthes nem de longe esgota o arcabouço sobre o tema.

Todas as contribuições em pesquisa são valiosas, decerto, e é inegável que lemos com prazer a análise sobre a produção midiática de dois grandes jornais da região Sudeste sobre a morte da princesa. Contudo, talvez não haja tentativa mais nobre do que a de dar voz e garantir espaço de reflexão aos fenômenos comunicacionais, políticos e sociais piauienses, e nesse sentido não haveria pesquisador mais indicado para desvendá-los do que um que neles está mergulhado.

Logo no prefácio, o comunicólogo José Marques de Melo também ressalta a importância de iniciativas como a de Ana Regina.

O Piauí ingressou tardiamente na era das Ciências da Comunicação. Faz parte dos segmentos do território nacional cujas universidades somente no final do século XX abriram suas portas ao ensino e à pesquisa dos fenômenos midiáticos. Mas é impressionante como aquela unidade da federação, se comparada às que a precederam imediatamente, vem ganhando notoriedade pela competência, seriedade e elã dos novos pesquisadores. Quando enveredam pelos estudos de mestrado e doutorado, alguns deles logo conquistam projeção e inspiram confiança. Se ainda não ocupam posições destacadas nos indicadores quantitativos de nossa área de conhecimento, sem dúvida os pesquisadores piauienses estão situados em patamares qualitativos relevantes.

Em geral associado às mazelas da pobreza e da seca, a divulgação de novas pesquisas como essas permitem lançar um novo olhar, curioso e amoroso, sobre a realidade desse estado. O Piauí está na moda. Talvez, até, pelo charme de ser um Davi entre os Golias da Nação. Não estivesse, não haveria uma revista de texto sofisticado com seu nome (a *Piauí*, iniciativa do documentarista João Moreira Salles em parceria com a Editora Abril, inspirada na norte-americana *The New Yorker*).

O estado, aliás, também é tema tratado na edição de número 8 da revista de reportagens *Brasileiros*, que tem à frente os jornalistas Hélio de Campos Mello e Ricardo Kotscho, numa narrativa de viagem assinada por Roberto Saturnino Braga. Nela, o político lembra o trânsito das ruas estreitas, as praças amplas, a união do pequeno rio Poti com o grandioso Parnaíba, a jóia do Delta do Parnaíba, que não visitou, e o extremamente bem conservado Parque Nacional da Serra da Capivara, defendido com unhas e dentes pela paulista Niède Guidon. Segundo a arqueóloga, estaria ali, em São Raimundo Nonato, a evidência mais antiga da presença humana no continente americano, que segundo ela remontaria a cerca de 50 mil anos.

Chega em boa hora, portanto, a produção de estudos que ajudem a compreender melhor a história comunicacional, digamos, recente deste que, segundo Guidon, seria o berço da civilização americana.

Monica Martinez

Doutora em Ciências da Comunicação pelo Núcleo de Epistemologia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.